

**A empregabilidade dos egressos de Turismo da  
Universidade Federal Fluminense**

DOI: 10.2436/20.8070.01.239

**Ricardo Luis da Silva**

Mestrando em Turismo pela UFF, Brasil  
Professor Substituto em Hospedagem no IFES, Brasil.  
E-mail: [rikardols@hotmail.com](mailto:rikardols@hotmail.com)

**André Luís Faria Duarte**

Doutor em Administração pela UNIGRANRIO, Brasil.  
Analista em C&T na CNEN, Brasil.  
E-mail: [professor@andreluis.pro.br](mailto:professor@andreluis.pro.br)

**Flora Thamiris Rodrigues Bittencourt**

Mestre em Administração pela UFRRJ, Brasil.  
Doutoranda em Administração pela UNIGRANRIO, Brasil.  
E-mail: [flora\\_thamiris@hotmail.com](mailto:flora_thamiris@hotmail.com)

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo verificar a realidade profissional de ex-alunos da Graduação em Turismo de uma Instituição de Educação Superior Pública, a Universidade Federal Fluminense. Primeiro, foi realizada uma pesquisa exploratória para elaborar o estado da arte do trabalho. Em seguida, foi executada uma pesquisa de campo, de cunho quantitativo, por meio da aplicação on-line de questionários utilizando a plataforma virtual *Qualtrics*, com a tarefa de verificar quais trajetórias profissionais têm seguido os turismólogos formados pela escola analisada. De um total de 248 alunos efetivamente graduados, obteve-se diversas informações relevantes de uma amostra de 28% de alunos formados. Constatou-se, que a metade dos respondentes não atua na área de Turismo e que 1/3 obteve a última colocação profissional através do *networking* (rede de contatos). A área de maior interesse de atuação é o Planejamento, apesar de Meios de Hospedagem e Agenciamento e Operação serem as áreas de maior experiência dos egressos. Por fim, a maioria após a graduação segue estudando cursos livres, especializações/MBAs e idiomas. Sugere-se que tal levantamento seja feito regularmente com o intuito de adequar o curso à realidade local, além de ser proposto um calendário de atividades para reaproximar os egressos da comunidade acadêmica e fomentar novas formações visando reciclar os conhecimentos adquiridos dos ex-alunos e, principalmente, abrir novas oportunidades profissionais para os futuros egressos.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Mercado de Trabalho. Empregabilidade. Acompanhamento Profissional. Turismo.

## 1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho para turismólogos é diversificado, com diversas atividades que podem estar relacionadas à hospedagem, alimentação, transporte, lazer etc. (SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020). De acordo com Salgado, Martins e Guerra (2021, p. 216) “o setor do turismo emprega mão-de-obra intensiva e apresentava um rápido crescimento na economia global até 2019. Possui um efeito multiplicador significativo no emprego em outros setores relacionados, quer induzida quer indiretamente”. Nesse sentido, pela relevância e importância econômica desse setor, é justificável que haja interesse vem desenvolvê-lo mesmo em momentos de crise (ZOUAIN et al., 2019).

Percebendo a falta de acompanhamento da trajetória profissional dos turismólogos formados pela Universidade Federal Fluminense (UFF), acredita-se que a Faculdade de Turismo e Hotelaria (FTH) de tal Instituição de Educação Superior Pública Federal, esteja deixando de aproveitar, talvez, um dos seus maiores ativos: seu próprio capital humano.

Considerando que a Graduação em Turismo da referida instituição tem como foco as Políticas Públicas e o Planejamento (do Turismo) e a Gestão de Atrativos e Destinos (Turísticos), pensou-se na possibilidade de trazer novamente à Universidade egressos que estejam inseridos no mercado em áreas de atuação em Turismo como projetos, administração pública, empreendedorismo, inovação, consultoria e outras quaisquer distintas do nível operacional, com o intuito de abrir novas oportunidades aos discentes, bem como, difundir conhecimentos acerca da realidade do trabalho no dia-a-dia, além de, expor desafios, desenvolver competências profissionais exigidas dos futuros egressos e orientar melhor as futuras carreiras dos discentes vinculados à FTH-UFF.

Além disso, conforme as formações oferecidas pelo Departamento de Turismo da FTH-UFF, com o início das atividades do *Master in Business Administration* (Especialização) em Gestão de Empreendimentos Turísticos em 2010 (atual, Gestão de Serviços, com ênfases em Turismo, Hotelaria e/ou Eventos), a criação da Graduação Tecnológica em Hotelaria no ano de 2011 e a criação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo (Mestrado Acadêmico) em 2015, mais pessoas vêm sendo formadas pela instituição para atuar no âmbito do eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Assim, como um pressuposto, acredita-se que a dificuldade de inserção no Mercado de Turismo em áreas de atuação distinta do nível operacional, leva uma parte considerável de egressos a não atuar em Turismo, iniciando uma segunda graduação ou especialização em outras áreas, ou mesmo preparar-se para carreiras públicas em outros ramos de atividade. Outro pressuposto é que aqueles que venham a atuar gerencialmente na área, com atribuições táticas ou estratégicas, alcançaram tais oportunidades por meio de sua rede de contatos (*networking*), que talvez pudesse ser mais fomentada durante a formação no espaço acadêmico.

De acordo com Silva (2022), a importância do setor de turismo para o Estado do Rio de Janeiro aumenta a necessidade de acompanhamento e a tomada de decisão quanto ao desenvolvimento de pessoal nesta área. Portanto, teve-se como objetivo geral desse trabalho: Mapear a situação profissional dos turismólogos graduados pela UFF.

Como procedimento metodológico adotado, o presente artigo inicia-se com uma pesquisa exploratória. Posteriormente, na pesquisa de campo, foi aplicado um questionário por meio da plataforma online *Qualtrics*, tendo os egressos de Turismo (Unidade de Niterói) da FTH-UFF como objeto de estudo. Por fim, foi feita a análise dos dados quantitativos obtidos, seguida de algumas propostas visando a implementação do acompanhamento permanente de ex-alunos da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos dias de hoje, uma das questões mais desafiadoras para a educação superior se reporta à perspectiva que se obtém de uma educação com respostas para as mais diversas aptidões profissionais desejadas de uma maneira global. Entretanto, é sabido que, atualmente, o estudante, outrora profissional, também tem parte fundamental no que concerne à sua entrada no mercado de trabalho, pois as organizações que estão por vir irão buscar profissionais com uma quantidade diferenciada de capacitações, que combinem, preferencialmente, experiências técnicas com inteligência psicológica e social (LINKEDIN; WGSN, 2018).

Entre diversas definições para os termos emprego e desemprego, pilares da lógica da empregabilidade, nesse trabalho será adotada a abordagem de Bettencourt (2012) que os distingue de forma clara:

O emprego pode ser definido como uma ocupação remunerada quaisquer que sejam as características das relações laborais e do estatuto salarial e social dos empregados – funcionário público, trabalhador por conta de outrem, patrão, trabalhador por conta própria ou qualquer outra situação (BETTENCOURT, 2012, p. 11).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2009), a pessoa desempregada é classificada como tal quando atender a três requisitos: não estiver exercendo qualquer atividade, estiver procurando ativamente por emprego e estar disponível para trabalhar.

Uma crítica quanto a uma questão comum àqueles desempregados considerados não-empregáveis é a culpa por talvez não terem tido o domínio da auto-adaptação às mudanças ou evoluídos hierarquicamente em suas firmas. Porém, o encargo da empregabilidade é algo coletivo, segundo Bettencourt (2012, p. 33),

Ora, a empregabilidade necessita e obriga uma responsabilidade partilhada pelo indivíduo, pelos poderes públicos, pelas organizações empregadoras, pelas estruturas educativas e pelos parceiros sociais. Responsabilidade partilhada que necessita e obriga, também, a uma outra geração de políticas educativas e de emprego impulsionadas por um outro papel do Estado.

A partir de tais questões, cabem aqui algumas conceituações do termo empregabilidade para se entender a problemática da temática no contexto contemporâneo.

A empregabilidade enquanto conceito, bem como seu devido entendimento, não é algo preciso, tendo em vista ser um fenômeno recente. Helal e Rocha (2011) elencam uma série de visões de outros estudiosos acerca da definição de empregabilidade.

Minarelli (1995) compreende tal conceito basicamente como a habilidade de ter emprego. A empregabilidade, de acordo com Machado (1998, p. 18-19) tem sido utilizada para “referir-se às condições subjetivas da integração dos sujeitos à realidade atual dos mercados de trabalho e ao poder que possuem de negociar sua própria capacidade de trabalho, considerando o que os empregadores definem por competência”.

Helal e Rocha (2011) corroboram com a mesma perspectiva, entendendo que a empregabilidade seria como uma competência, sendo a aptidão do trabalhador em adaptar-se às demandas contemporâneas do mercado de trabalho, e em particular, das organizações empregadoras.

Para Nader e Oliveira (2007), a noção que ganha mais espaço atualmente realmente é a que direciona ao trabalhador a responsabilidade de adequação às exigências do mundo do trabalho, que alguns autores tratam-na como uma lógica de caráter neoliberal, em que passa a responsabilidade do trabalho para o trabalhador ao invés de ser

essa uma tarefa de interesse social ou mesmo do Estado, contrariando o proposto por Le Boterf (2010).

Todas as profissões, não somente as que estão ligadas ao Turismo, como condição de empregabilidade e êxito no mundo dos negócios, estão exigindo de seus profissionais autonomia intelectual, maior capacidade de raciocínio, senso crítico, atitudes inovadoras e empreendedoras, além de aptidão para prever cenários e sanar problemas (SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020).

É essa a conexão entre o mundo do trabalho e o campo educacional, que Le Boterf (2010) atribui ao Estado um papel essencial, bem como uma corresponsabilidade de outras organizações tais como o terceiro setor e empregadores, mas também das instituições de educação superior.

## 2.1 Responsabilidade da empregabilidade das instituições universitárias brasileiras

Há uma extensa legislação pertinente ao campo da educação superior que tem sido reformulada nos primeiros anos do século XXI. Vale ressaltar que se trata de um modelo educacional notadamente privado e de caráter mercantilista como estratégia de expansão (DINIZ; GOERGEN, 2019). Nesse sentido, Ferreira e Fonseca Filho (2020) sustentam que a maioria dos cursos de turismo no Brasil se concentra no setor privado, mesmo após a política de fortalecimento da universidade pública ocorrida entre 2003 e 2014.

Entre diversos papéis aglutinados pelas Instituições de Educação Superior Brasileiras e regido pela legislação vigente, têm-se a responsabilidade pela empregabilidade de seus egressos. A educação e a qualificação dos trabalhadores geram uma melhoria no desenvolvimento do fenômeno turístico no país, sendo possível observar que tal aumento no nível de qualificação do capital humano é, de fato, superior (PIMENTEL, 2016).

Cabe aqui apenas uma breve explanação sobre quem é considerado egresso nesse presente trabalho. Apesar de Pena (2000) expor que não há consenso com a definição do termo egresso, Michelin et al. (2009, p. 4), consideram como sendo “o ex-aluno diplomado por uma IES, seja ele graduado ou pós-graduado”. No caso deste trabalho, será tratado os egressos dos estudos superiores, em particular, do âmbito da graduação.

Segundo Marcovich (1998, p. 22), em relação a aproximação da universidade com seus egressos:

Pensava-se, que a responsabilidade da universidade se iniciava na inscrição do vestibular e acabava na entrega do diploma. Isso é um grande erro. A universidade deve mobilizar seus ex-alunos, a partir de um determinado período de convivência no mercado de trabalho. A principal contribuição social de uma universidade deve ser com seus egressos, caso contrário estará desperdiçando um altíssimo capital humano.

A implementação de um sistema de acompanhamento de egressos reflete assim a gênese da interação entre sociedade, escola e empresas, resultando no cumprimento da responsabilidade coletiva na preparação da juventude. Tal iniciativa tem o poder de expor a real situação profissional de inserção no mercado de trabalho dos egressos, e principalmente, avaliar de maneira contínua a adequação formação dos programas e a performance dos egressos no mundo do trabalho (FERREIRA, 2011).

Em uma amostra de 261 Instituições de Educação Superior, públicas e particulares, que dispunham de dados de seus egressos, foi percebido que entre cursos de universidades, centros universitários e faculdade de todos os estados brasileiros,

independente da região geográfica, a maioria pouco se utilizava dos egressos para obtenção de informações para melhorar a sua qualidade educacional (INEP; MEC, 2012).

Conforme dados dessa amostra estudada, descobriu-se que um número pífio dessas instituições analisava e/ou avaliava dados sobre seus egressos (16,2%), contra 74,8% das que não possuíam informações relevantes disponíveis. Ainda assim, foi conferido que, majoritariamente, os egressos trabalhavam na iniciativa privada, na sua área de formação e de forma remunerada.

Visto que se trata de uma organização de papel social, “as universidades são depositárias das esperanças sociais de grande parte da população, que espera e cobra resultados, benefícios sociais e culturais efetivos das IES” (LOUSADA; MARTINS, 2005, p. 75). Assim, as faculdades, os centros universitários e as universidades têm uma lista de tarefas de interesse coletivo a cumprir, ainda enquanto seus alunos se encontram vinculados a tais organizações.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9.394 de 20/12/1996 (BRASIL, 1996, p. 16), que rege todo o sistema educacional brasileiro, seja ele ofertado em IES Pública ou não, em seu Título V, Capítulo IV, Artigo 43, é estabelecido como finalidades da Educação Superior Brasileira:

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

É nesse tópico que se pode perceber como uma das suas atribuições da educação superior brasileira: a formação. Indiferentemente da área do conhecimento estudada, conforme a LDB (BRASIL, 1996), as escolas superiores têm como papel a preparação de profissionais para atuação em campos de trabalho.

Aí que se reencontra uma ligação com o viés da empregabilidade. A formação/preparação de pessoas em cursos superiores tem entre diversas finalidades a devida inserção de seus egressos numa área de atuação profissional, sejam elas quaisquer: colocações na indústria, oportunidades na área administrativa, vagas em saúde, gestão de negócios, iniciativas de empreendedorismo, campo das ciências, atuação em educação, empregos no setor público ou experiências de voluntariado.

Porém, a interligação entre o campo da educação e a questão do emprego não é algo simples. Bettencourt (2012) pontua quatro questões que retratam bem as dificuldades brasileiras de uma efetiva congruência entre esses dois campos.

A primeira dificuldade apresentada pelo autor seria que os próprios sistemas de educação e de emprego são complexos e não possuem uma mesma sincronia, nem de caráter nem de forma de trabalho. O sistema educativo deve se antecipar as demandas mercadológicas apesar de ter um viés mais estático e lutar para acompanhar o dinamismo frenético do mundo do trabalho. Assim, são necessárias ferramentas de controle para garantir a concretização da formação adequada à realidade do mercado.

A segunda dificuldade é a discrepância de ciclos entre a decisão e o resultado de políticas. Para Bettencourt (2012), os governos tendem a focar em resultados imediatistas, tomando decisões sem relevar impactos de médio e longo prazo. Assim, gera-se um distanciamento entre a educação necessária e a formação ultrapassada, formando graduados que já na conclusão de seus cursos passam a encontrar uma realidade distinta da sua preparação.

Em terceiro lugar, é apresentada como dificuldade a articulação de políticas educacionais e trabalhistas. Segundo o autor, é no âmbito local-regional, ao invés da esfera nacional, que mais facilmente pode haver o envolvimento de políticas, que devem



ser concebidas em conjunto relevando os contextos econômico, social e educacional como centrais para um cenário positivo de ocupação/emprego.

Por último, é sinalizada a questão da adesão das pessoas como uma dificuldade a ser enfrentada. De acordo com Bettencourt (2012, p. 60), políticas públicas de empregabilidade, se não direcionadas a indivíduos e as esferas coletivas, não surtem efeitos, como pode ser percebido no trecho a seguir:

Não é possível desenvolver políticas centradas na aquisição de competências se não houver uma adesão individual [...] e, igualmente, uma adesão coletiva a um projeto de desenvolvimento. É necessário, por isso, que estas políticas impliquem e tenham a adesão do grande público [...].

A partir de tais considerações, pode-se compreender melhor o porquê de tantos egressos de cursos superiores não se inserirem no mercado de trabalho, seja na área de seus estudos, seja em outras áreas correlatas ou quaisquer campos de trabalho. Todos esses desencontros, ocasionados pela desigualdade sofrida entre os programas de educação e as condições específicas exigidas pelas empresas de Turismo, interferem e influenciam as escolhas do profissional de Turismo, o que afeta o desempenho da carreira nesse setor (SILVA; MONTEZANO; ALMEIDA, 2020).

É a partir da definição do perfil dos egressos dos cursos que devem-se planejar todo um curso, incluindo suas disciplinas e eixos centrais, sempre com o enfoque de formar cidadãos dotados de competências demandadas pelo mundo do trabalho, bem como, pela sociedade e pelo próprio egresso.

## 2.2 A realidade brasileira da educação superior, do mercado de trabalho e da formação superior em Turismo

De acordo com estudos contemporâneos, uma característica apontada pela sociedade brasileira é o personalismo, que nada mais seria que termos as relações interpessoais como pilar social. Assim, Freitas (1997) destaca que, considerando o ambiente cultural em que vivemos, é impensável que a meritocracia e a impessoalidade sobressaiam por meio do desempenho do trabalhador no mundo profissional.

Já em uma análise dos efeitos do capital cultural, do capital social e do capital humano na empregabilidade no Brasil, Helal, Neves e Fernandes (2007) apresentam como resultado de seus estudos a associação entre esses três tipos de capital e o alcance de posições de gestão no Brasil, representando que a ascensão profissional perpassa pelo desenvolvimento da empregabilidade individual, que relevem a sociedade e a cultura em que se encontra inserida.

Quanto às forças do mercado e ao contexto sociocultural brasileiro, Zulauf (2006) expõe que o mercado de trabalho impõe que as instituições de educação superior passem a desenvolver a empregabilidade como uma competência.

Esse conceito tem passado então a ser o enfoque de muitos dos programas de educação superior e implica na constante busca por atender as necessidades dos contratantes. Segundo a autora, o próprio Estado tem corroborado com tal ideia ao demandar a reformulação de cursos, ao dispensar o foco curricular em disciplinas e a direcionar uma formação acadêmica empregável.

De acordo com Trigo (2006), diferentemente de muitos outros países, o curso superior de Turismo no Brasil se distingue visto que esse campo de estudo majoritariamente é tratado em outros países como cursos técnicos/tecnológicos ou profissionalizantes, frequentemente associados a outras áreas de atuação das ciências

sociais/humanas ou negócios, como a administração, a economia ou a geografia. A profissão de bacharel em turismo nasceu no século XX, tendo expandido seus estudos principalmente em função do crescimento da atividade turística em todo o mundo, tendo se tornando um setor econômico importante para inúmeros países (MENEZES; TEIXEIRA, 2020).

Tendo sua gênese na década de 1970 no Estado de São Paulo, a formação superior em Turismo no Brasil foi criada primeiramente no âmbito da graduação na modalidade de bacharelado. Entre diversos fatores que promoveram a criação da graduação em Turismo no Brasil, Teixeira (2006) destaca a percepção do Turismo como um negócio ainda inexplorado a época, bem como, da valorização do ócio, do tempo livre e do lazer pelo Serviço Social do Comércio (SESC) – de atuação nacional, além da oposição do regime militar vigente em fomentar cursos de caráter filosófico e, sim, cursos de cunho tecnológico e multidisciplinar.

Sogayar e Rejowski (2011, p. 286) afirmam ainda que “a abertura da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) em 1966, um marco na história da gestão pública brasileira, pretendia reverter a imagem negativa da ditadura brasileira no exterior”. Com ela, fortaleceu-se ainda mais a criação da formação superior em Turismo no país. Segundo Matias (2002), o formato brasileiro dos primeiros cursos superiores em Turismo nada mais seria uma proposta adaptada dos modelos europeus que tinham o propósito de ser uma opção de formação direcionada a uma nova área de atuação dinâmica para a classe média.

O curso pioneiro de graduação em Turismo foi ofertado assim pela iniciativa privada por meio da antiga Faculdade de Turismo do Morumbi (atual Universidade Anhembi-Morumbi) no ano de 1971, e teve uma procura bastante intensa (BRITO; SOUZA, 2018). Nela foi proposto um enfoque mercadológico visando preparar profissionais para atuar num ramo de grande potencial de crescimento.

Dois anos após a criação do primeiro curso superior privado de Turismo no Brasil, foi criada uma graduação em Turismo na esfera pública. No ano de 1973, a prestigiada Universidade de São Paulo passou a oferecer o curso de Turismo, com uma proposta mais acadêmica, crítica e científica, balizada fortemente pelas ciências humanas e sociais.

Com duas propostas distintas, marcantes até os dias atuais, as IES públicas majoritariamente disponibilizam cursos acadêmicos e as instituições particulares principalmente disponibilizando cursos mercadológicos, apesar de ambas almejem o planejamento turístico por meio da integração multidisciplinar de conhecimentos (SOGAYAR; REJOWSKI, 2011). Afinal, “o turismo abarca muitos aspectos do Homem e da sociedade, logo o seu conhecimento assume um carácter multidisciplinar” (SALGADO et al., 2017, p. 1856).

Csordas (2009) destaca como dificuldades enfrentadas por turismólogos a essência de sua base educacional que é fortemente relacionada a um campo inter/multidisciplinar e exige do profissional a procurar meios de agregar conhecimentos de diferentes áreas e ciências. Para Seixas et al. (2017, p. 567), “o ensino tradicional de turismo ainda é amplamente divulgado e utilizado até os dias atuais, tendo uma forte influência do mecanicismo de inspiração cartesiana, newtoniana, fragmentado e reducionista”.

A graduação também tem tido um expressivo aumento no número de cursos de Turismo, sobretudo pelas instituições particulares, com significativa presença do Sistema S (por meio do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) em todas as regiões do país e de estabelecimentos públicos federais e estaduais de educação superior (REJOWSKI, 2001).

Com uma visão crítica apurada, Rejowski (2001) expõe que apesar do Brasil não ser um dos destinos turísticos mundiais, a formação em Turismo vem aumentando há três décadas no país, com a criação de uma série de cursos focados em segmentos variados do setor e diversificado leque de cursos de especialização, corroborando assim com Matias (2002) e Degrazia (2006). A autora questiona novamente se a massa de formados encontra colocações profissionais no trade ou estão aptos a empreender, e como se encontra a qualidade da formação desses profissionais.

Como agravante à absorção de turismólogos no mercado de trabalho, pode-se verificar que há diversos desafios para docentes, pesquisadores e IES. Entre eles, além da avassaladora oferta de cursos de Bacharelado e Tecnológicos em Turismo, há cada vez mais um menor número de candidatos por vaga ano após ano e uma evasão discente extremamente exacerbada (DEGRAZIA, 2006).

Por outra perspectiva, Rejowski (2001, p. 53) aponta uma dicotomia entre algumas abordagens acadêmicas “incoerentes, inconsistentes e mal formuladas” com o amadurecimento dos cursos expandidos fora das capitais com propostas “diferenciadas, adaptadas ou direcionadas às necessidades e realidades locais e regionais”. Em estudo sobre alunos do curso de Turismo, Bittencourt e Castro (2017) identificaram que muitos alunos consideram que há distanciamento entre o que é ensinado na graduação e o que vivenciam no mercado de trabalho.

A autora sintetiza a carência de profissionais de Turismo devidamente capacitados para exercerem atribuições de gestão, planejamento e pesquisa, apesar da grande mão-de-obra egressa dos bancos universitários:

Faltam pesquisadores para desenvolver pesquisas básicas e aplicadas à resolução de variados problemas, faltam planejadores e gestores do desenvolvimento turístico, enfim, faltam recursos humanos qualificados e capacitados (REJOWSKI, 2001, p. 54).

Tal situação acontece por conta que desde a gênese da educação em Turismo, Hospitalidade e Lazer, há uma série de dificuldades ainda não resolvidas, entre elas, a questão do desenvolvimento do setor e da fundamentação teórica da área. A epistemologia da pesquisa em Turismo tem sido objeto de contínua discussão e debate, existindo, um amplo consenso dentro da academia de que o corpus de pesquisa em Turismo é fragmentado e eclético (BENCKENDORFF; ZEHRER, 2013), sendo pesquisado por um grupo de estudiosos com diferentes formações e posturas epistemológicas (PAHLEVAN-SHARIF; MURA; WIJESINGHE, 2019).

Silva, Holanda e Leal (2018, p. 511) ponderam que o mercado de trabalho no setor de Turismo pode ser identificado pela “[...]sazonalidade, baixa qualificação, baixa remuneração, elevada jornada de trabalho, alta rotatividade [...]”. Para os autores, há elevada oferta de empregos no nível operacional e demasiada desvalorização do turismólogo que possui formação superior.

A pós-graduação, em nível de especialização ou mestrado/doutorado – intrinsecamente relacionados com a pesquisa, principalmente aquela de caráter acadêmica e científica – tem contribuído cada vez mais para um crescimento no número de publicações, segundo Trigo (2006), apesar de relevar, porém, que o Brasil possui uma longa trajetória a seguir para estabelecer bases teóricas sólidas quanto a dinâmica da atividade turística e toda a sua complexidade.

A pós-graduação tem ainda um papel particular de contribuição para com o âmbito da graduação. “A produção do saber-turístico fundamentado nas questões relevantes para o contexto da economia atual é imprescindível para posicionar os cursos



de Turismo e, principalmente, abrir campos de mercado para os profissionais formados” (DEGRAZIA, 2006, p. 49).

Rejowski (2011) arremata que no Brasil a área de Turismo encontra-se apta a galgar novos níveis para qualificar profissionais com bagagens científicas concretas. O desenvolvimento do nível *Stricto Sensu* só tem a agregar ao setor de Turismo, solidificando o conhecimento e aumentando a exigência científica na formação de pessoas capacitadas para atuar no campo.

### **2.3 A graduação em Turismo e as instituições de educação superior públicas fluminenses**

Os primeiros cursos superiores de Turismo no Estado do Rio de Janeiro têm sua origem na década de 1970 e, até o ano de 2000, todas as formações disponíveis – no âmbito da graduação em Turismo, eram ministradas em IES privadas.

Somente com a virada do século XXI que são criados cursos superiores em IES públicas fluminenses. A partir de 2003, surgem cinco graduações presenciais na esfera federal (três bacharelados e dois tecnólogos) e, em 2011, um bacharelado presencial em Turismo na esfera estadual em Teresópolis, na região serrana do estado, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – migrado para a cidade do Rio de Janeiro em 2020.

As primeiras IES federais a ofertarem graduações em Turismo localizavam-se na região metropolitana do Rio de Janeiro. São elas, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) na capital fluminense e a Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói, ambas em 2003.

No ano de 2004, na chamada Costa do Sol, inicia-se uma extensão do curso de Turismo da UFF no município de Quissamã, enquanto o curso de Turismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) tem seu início em 2006, na cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

Por fim, o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) cria cursos superiores tecnológicos presenciais em Gestão de Turismo em duas novas unidades na Serra Verde Imperial, em Nova Friburgo e Petrópolis, ambos em 2008.

No Rio de Janeiro, através de um Consórcio Acadêmico – o CEDERJ, criado em 2000 por sete IES Públicas do Estado, é ofertado o pioneiro curso de Licenciatura em Turismo, na modalidade Educação a distância, sendo oferecido pela UFRRJ a partir do ano de 2009 em quatro polos (Angra dos Reis, Resende, São Gonçalo e Saquarema – atualmente são cinco, incluindo Rio das Flores), por meio da Fundação CECIERJ (Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro).

Atualmente, a mesma formação é ofertada também, desde 2010, pela UNIRIO em dois outros polos (Campo Grande e Macaé), e a UFRRJ com os quatro polos citados anteriormente, ambas contando com contribuições acadêmicas da UFF, da UERJ e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).

No ano de 2012, o CEFET-RJ insere o curso superior tecnológico em Gestão de Turismo entre as 14 opções de cursos a distância e os 32 polos oferecidos pelo Consórcio CEDERJ, atualmente, sendo oferecidas vagas em sete polos (Duque de Caxias, Miguel Pereira, Niterói, Nova Iguaçu, Rocinha e mais recentemente Mangaratiba e Rio das Ostras).

Nenhum dos cursos de graduação citados acima estava vinculado à época a Departamentos com programas de pós-graduação na área, visto que não se registravam no

Estado do Rio de Janeiro cursos Stricto Sensu (mestrados e doutorados) em Turismo antes de 2015, apenas *Lato Sensu* (especializações), que incluem os cursos gerenciais, mais conhecidos pelo acrônimo MBA – *Master in Business Administration*.

## 2.4 A graduação em Turismo da FTH-UFF

Antes de tratar diretamente do curso superior em Turismo da Universidade Federal Fluminense, vale aqui contextualizar uma breve exposição da realidade dessa instituição de forte presença no Estado do Rio de Janeiro.

Criada em 1960 com o agrupamento de faculdades federais, estabelecimentos estaduais e faculdades privadas, a atual UFF tem sede no município de Niterói e, além de um colégio universitário, há 37 escolas, institutos e faculdades vinculados.

Está inserida em diferentes Campi, Unidades e Pólos no Estado do Rio de Janeiro e também tem cursos a distância em outras cinco Unidades da Federação, além de serem desenvolvidas atividades em Iguaba (RJ) e Cachoeiras de Macacu (RJ), bem como, em Oriximiná (PA). Nos últimos anos houve uma intensificação da interiorização, com cursos de graduação em Angra dos Reis, Campos dos Goytacazes, Itaperuna, Macaé, Miracema, Nova Friburgo, Rio das Ostras, Santo Antônio de Pádua e Volta Redonda, todos municípios fluminenses.

No caso do Bacharelado em Turismo, o curso iniciou-se em 2003 na cidade de Niterói e, no ano seguinte, criou-se uma extensão do curso no município de Quissamã, na região turística da Costa do Sol, em parceria com a prefeitura local. Tal curso foi oferecido pelo mesmo Departamento de Turismo quando ainda vinculado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo da Universidade Federal Fluminense. Atualmente, a graduação em Turismo da UFF encontra-se inserida junto à Faculdade de Turismo e Hotelaria desde 2013, sendo oferecida apenas em Niterói e encerraram-se as turmas em Quissamã.

Seu currículo era organizado tendo a administração pública e privada do Turismo como eixo norteador, abrangendo quatro principais temáticas: operação, patrimônio, planejamento e empreendedorismo. Exige-se ainda um trabalho de conclusão de curso para garantir a titulação de Bacharel, sob orientação de um professor e defesa numa banca de docentes da área, nos formatos de monografia, estudo de caso ou plano de negócios.

Em 2008, a matriz curricular passou por um ajuste, totalizando 3.450 horas de curso, incluídos 1.050 horas de formação básica, 1.800 horas de formação específica e 420 horas de conteúdos teórico-práticos contabilizados 300 horas de estágio supervisionado, além de mais 300 horas de atividades complementares. Tal currículo ficou vigente até 2015.

O curso oferecido em oito semestres letivos, integra disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas (incluindo línguas estrangeiras instrumentais – espanhol e/ou inglês), em regime integral (nos turnos manhã e tarde, nos primeiros quatro períodos letivos e, posteriormente, no turno da manhã, nos quatro últimos semestres do curso).

Como atividades complementares são possíveis serem aproveitadas horas em Visitas e Viagens Técnicas, Projetos Sociais, Culturais ou de Extensão, Monitoria, Participação ou Organização de Eventos, Pesquisa, Publicações ou Apresentações de Trabalhos, Cursos, Representação Estudantil, Estágios Profissionais e Participação em Empresa Junior (Leve - Consultoria e Gestão de Projetos). Além disso, o curso conta na atualidade com aulas práticas em dois laboratórios de ensino (Alimentos e Bebidas, e Governança). Por fim, há duas representações estudantis vinculadas à FTH-UFF: o Diretório Acadêmico de Turismo -DATUR e a Associação Atlética de Turismo (UFF).

São desenvolvidas ainda no curso atividades de complementação da formação dos seus discentes em grupos de pesquisa e projetos de extensão. Atualmente, estão ativas 33 iniciativas, dentre elas os seguintes projetos ou grupos: Conexões entre História, Cultura e Turismo; Rede de Estudos em Hospitalidade; Laboratório de Estudos Comportamentais no Turismo; Observatório do Turismo do Rio de Janeiro; Turismo, Audiovisual e Educação Turística; Turismo, Gestão e Territórios; Fatores Restritivos ao Turismo; Turismo, Cultura e Sociedade; Mobilidades, Lazer e Turismo Social; Experiências em Turismo e Transportes Ativos; Laboratório de Turismo e Antropologia; 10 anos do Curso de Hotelaria; Bem-estar subjetivo em turismo e hotelaria; Experiências do Brasil Rural; Leitura e Escrita Acadêmicas; Mapeamento e promoção do turismo náutico em Niterói; Monitoramento da oferta de meios de hospedagem no Rio de Janeiro; Museu Virtual de Turismo do Brasil; Programa de Extensão e Pesquisa em Turismo Social UFF; Turismo Ativo; Turismo Militar; Turismo, Hospitalidade e Inclusão.

A Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF, por meio do seu Departamento de Turismo, oferece ainda a Graduação Tecnológica em Hotelaria e o MBA em Gestão de Serviços (anterior, MBA em Gestão de Empreendimentos Turísticos), contando com cerca de 30 docentes, além de uma empresa júnior (compartilhada antes com os cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Atuárias e nos dias atuais compartilhada com o curso de Hotelaria) e, desde 2015, conta com um Mestrado Acadêmico em Turismo. Há ainda um Curso Superior Sequencial em Empreendedorismo e Inovação (EAD) – ministrado por professores de ambas as Faculdades de Administração e Ciências Contábeis e da FTH-UFF.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Graduação em Turismo da FTH-UFF foi oferecida na modalidade presencial e com titulação bacharelado, em duas unidades, Niterói e Quissamã. Conforme seu Projeto Pedagógico de Curso, seu currículo contempla disciplinas de caráter formativo básico, específico e teórico-prático.

Entre as disciplinas de formação teórico-prática, há as disciplinas de Elaboração de Projeto de Pesquisa, Estágio Supervisionado, Tópicos Especiais em Turismo, Elaboração de Relatórios Técnicos e Científicos e Trabalho de Conclusão de Curso.

Em relação às disciplinas de Elaboração de Relatórios Técnicos e Científicos (ERTC) e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ambas são obrigatórias, exigindo-se que sejam cursadas juntas, preferencialmente, no último semestre da graduação.

Até 2013, 276 discentes concluíram essas duas disciplinas em Niterói, conforme averiguado com a Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso de Turismo do Departamento de Turismo da FTH-UFF.

Ainda de acordo com tal Comissão, deve-se relevar que cerca de 10% dos alunos concluem a carga horária de disciplinas, porém, não colam grau no mesmo semestre, ou seja, não se graduam. Assim, ao ser desconsiderado a média de alunos que cursaram todas as disciplinas e não concluíram o curso, aproximadamente, têm-se 248 alunos.

Um questionário-teste foi elaborado previamente por meio da plataforma virtual *Qualtrics* com o intuito de verificar se a compreensão das perguntas propostas estava clara, bem como, contabilizar o tempo médio de preenchimento do questionário e a possibilidade de agrupamento de perguntas, sendo aplicado por 48 horas junto a discentes e docentes do Departamento de Turismo da FTH-UFF da instituição através da rede social *Facebook*, na comunidade do curso.

Após essa primeira fase de teste e revisão do questionário, foi elaborado um questionário online (eletrônico) definitivo através da mesma plataforma, com o objetivo de levantar extensivamente dados quanto aos ex-alunos da graduação em turismo da presente universidade, contendo assim vinte e duas perguntas de três tipos diferentes: múltipla escolha, múltiplas respostas e fechadas.

Também, foram utilizadas perguntas do tipo Escala *Likert*, no qual são atribuídos graus de concordância de acordo com determinadas afirmativas, sendo elencadas quatro opções (Concordo Totalmente, Concordo Parcialmente, Discordo Parcialmente e Discordo Totalmente). Optou-se por não dispor de uma quinta opção de caráter neutro (Nem Concordo, Nem Discordo).

Foram obtidas as Atas de Prováveis Formandos de semestres anteriores junto a Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, garantindo assim acesso a lista de egressos e, conseqüentemente, uma considerável participação no preenchimento do questionário por parte dos ex-alunos – público-alvo da pesquisa.

Posteriormente, foi realizado contato com os egressos por meio de mensagens privadas (*inbox messages*), após uma busca nominal novamente na rede social *Facebook*. Contou-se também com a colaboração de alunos e ex-alunos, além de professores, para a divulgação do link (acesso) do questionário online na comunidade virtual do curso na mesma rede social, além de outras duas que têm como membros participantes a comunidade acadêmica do curso: o Grupo do Laboratório de Eventos (UFF) e a Página da Associação Atlética de Turismo (UFF).

A partir do resgate de antigos *Mailing Lists* (lista de contatos) do Diretório Acadêmico de Turismo e do Laboratório de Eventos, foram enviados e-mails ao público-alvo com o mesmo propósito. O questionário esteve disponível para seu preenchimento por quatro semanas, sendo obtidas 70 respostas válidas de um total de 98 questionários iniciados, resultando em uma amostra de 28%.

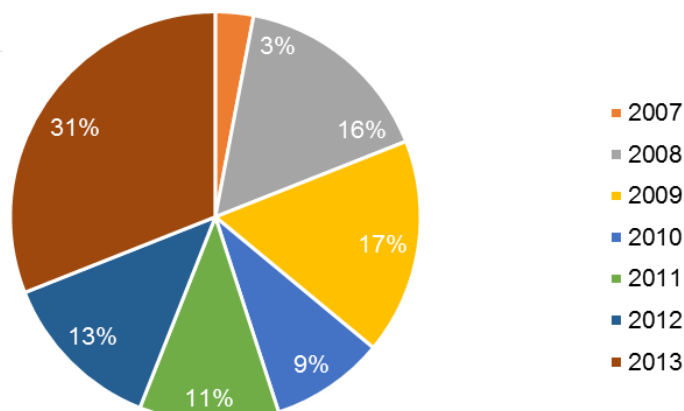
Foram elaboradas perguntas quanto: ao perfil dos egressos; a escolha e a motivação pelo curso/instituição; as áreas e aos âmbitos de interesse; a experiência prévia e a experiência acumulada na área; ao domínio de idiomas; as atividades complementares desenvolvidas; a contribuição da graduação; as formações após a graduação; a atuação profissional e ao âmbito organizacional; a última/atual colocação e a forma de obtenção de oportunidades; a remuneração e a satisfação financeira. Dados pessoais e profissionais, bem como, contatos atualizados, foram solicitados em caráter opcional.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quanto aos ex-alunos que participaram da pesquisa, 31% se formaram em 2013, outros 17% em 2009 e 16% em 2008 – representando esses três anos 64% dos respondentes (Gráfico 1).

Dos respondentes, 98% se formaram ainda jovem como percebido em grande parte dos cursos universitários brasileiros, sendo 79% formados com idade entre 21 e 25 anos e o segundo maior grupo representado por egressos formados entre 26 e 30 anos (19%). Apenas 1% da amostra formou-se com até 21 anos de idade e outro 1% de ex-alunos concluiu o curso com idade entre 30 e 40 anos.

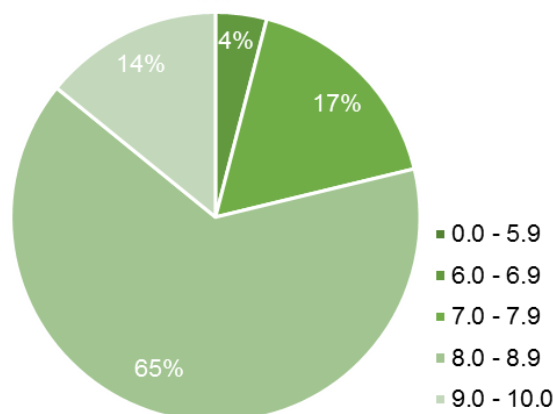
**Gráfico 1 – Ano de Conclusão do Curso**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Em pergunta quanto ao desempenho acadêmico ao longo da graduação, tendo como indicador o Coeficiente de Rendimento Acumulado - CRA, 64% dos ex-alunos apresentaram ótimo desempenho (CRA 8.1 a 9.0), outros 17% tiveram bom desempenho (CRA 7.1 a 8.0), além de 14% terem desempenho excelente (CRA 9.1 a 10.0) e apenas 4% (CRA 6.1 a 7.0) terem desempenho satisfatório. Resumidamente, percebe-se que 100% dos respondentes tiveram um desempenho acadêmico positivo (acima da média mínima exigida, seis) durante os seus anos de estudos no curso (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Coeficiente de Rendimento Acumulado**



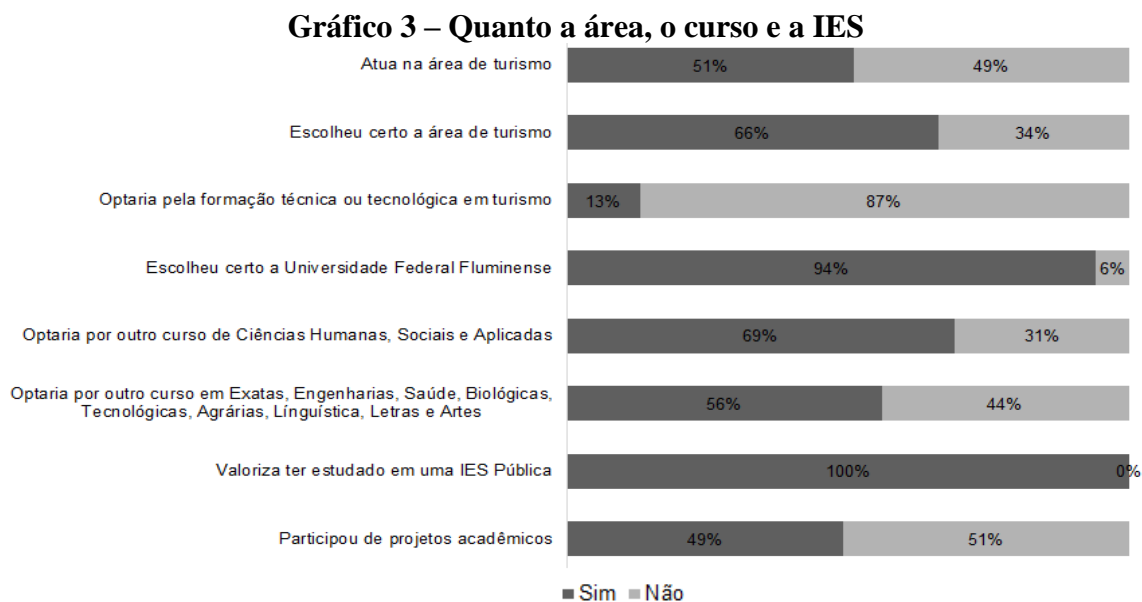
Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Em relação à escolha do curso, da área de estudo e da faculdade, contemplando respostas fechadas (Sim/Não), obteve-se respostas interessantes. Apesar de 100% dos respondentes valorizarem ter estudado em uma IES Pública e 94% acreditarem ter escolhido certo a UFF, 66% acreditam não ter acertado ao escolher a área de turismo como opção de carreira.

Do total de alunos respondentes, 49% não atuam atualmente na área de Turismo e 87% dos alunos, se tivessem chance, também não optariam atualmente nem pela formação técnica em Turismo, Hospitalidade e Lazer ou pela formação superior tecnológica em Gestão do Turismo em detrimento da Graduação em Turismo, demonstrando falta de identificação com a área de formação escolhida.



Quando cruzadas algumas das respostas, têm-se informações relevantes para a pesquisa. Apenas 26% acreditam ter escolhido certo a área de Turismo e atuam na área, enquanto 43% acreditam ao contrário – não escolheram a área correta e também não atuam em Turismo (Gráfico 3).



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Com o intuito de checar o grau de arrependimento pela escolha da área de Turismo, foi questionado se o(a) ex-aluno(a) optaria atualmente por outro curso das Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas que tivesse afinidade, não iniciando assim o curso de Turismo. Como resultado, 69% dos ex-alunos optariam, sim, por outro curso que tivesse afinidade nas áreas citadas acima em detrimento da área de Turismo.

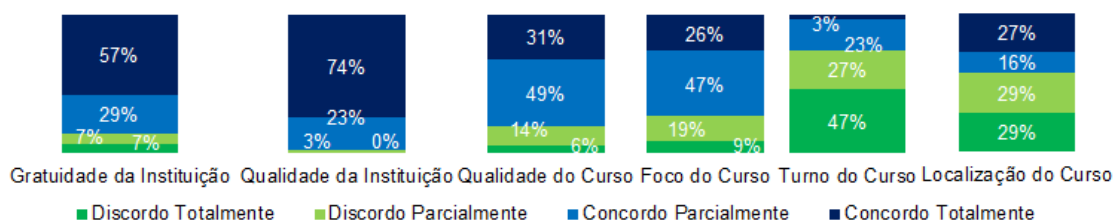
Foi perguntado, em questão similar a anterior, se não teriam iniciado o curso de Turismo e optariam por qualquer outra área do conhecimento (Exatas, Engenharias, Saúde, Biológicas, Tecnológicas, Agrárias, Naturais, Linguística, Letras ou Artes). Do total de alunos respondentes, apesar do número relativamente menor comparado ao resultado da pergunta anterior, 56% de alunos formados responderam que optariam, sim, por outra área do conhecimento.

Cruzadas tais perguntas, obteve-se os seguintes resultados: 48% dos ex-alunos respondentes não teriam iniciado o curso de Turismo e optariam por qualquer outra área do conhecimento, incluindo cursos na área das Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas, contra apenas 24% convictos de que não optariam por iniciar outro curso em qualquer outra área.

Quanto a participação em projetos acadêmicos ao longo da graduação, foi verificado que cerca da metade dos alunos respondentes (49%) estiveram envolvidos em algum tipo de projeto desse tipo, seja como bolsista ou voluntário, demonstrando que parte razoável do corpo discente se formou tendo experiências acadêmicas, incluindo monitoria de disciplina, iniciação científica, laboratório de curso e extensão universitária.

Em uma questão com opção de respostas múltiplas graduais (Discordo Totalmente, Discordo Parcialmente, Concordo Parcialmente e Concordo Totalmente), solicitou-se que os ex-alunos escolhessem as alternativas mais adequadas ao seu grau de motivação quando optou pelo curso (gráfico 4).

**Gráfico 4 – Fatores Determinantes de Escolha**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Dos 70 alunos formados que responderam ao questionário, 86% concordam que a gratuidade do(a) curso/instituição foi fator imprescindível na sua escolha (57% e 29%, respectivamente, totalmente e parcialmente).

A qualidade da instituição foi indispensável na escolha do curso para 97% dos alunos respondentes, enquanto que, em relação à qualidade do curso, há uma redução nas respostas positivas, ainda que mantidas expressivas – 80% concordam.

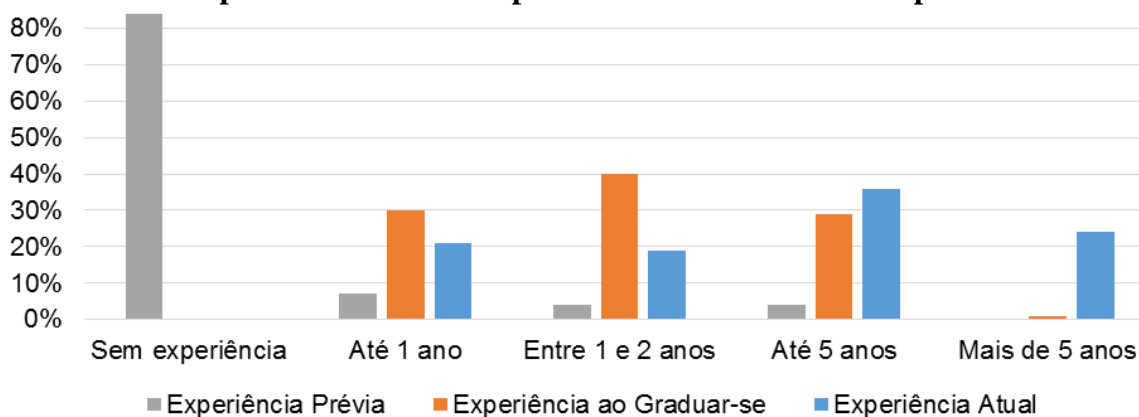
Ao serem cruzadas tais respostas quanto ao grau de motivação quando optaram no vestibular pela Graduação em Turismo da UFF, foi verificado que 80% concordam que a qualidade do curso e da instituição foram fatores decisivos na escolha.

Quando perguntado quanto ao foco e ao turno do curso, obteve-se que: 72% concordam que o enfoque do curso foi fator imprescindível na escolha do curso, enquanto apenas 26% concordam que o turno tenha sido fator imprescindível de escolha. Por fim, sobre a localização do curso, somente 42% concordam que esse tenha sido um fator imprescindível na escolha pelo curso.

O Gráfico 5 apresenta dados relativos à experiência dos graduados, em três momentos: antes de iniciar a graduação, ao terminar o curso e a experiência atual.

Ao questionar se tinha experiência prévia na área de Turismo, seja no campo pessoal, profissional e/ou acadêmico, 84% responderam que não tinham experiência em Turismo ao iniciar o curso. Apenas 7% tinham experiência de até 1 ano na área e 8% entre 1 ano e 5 anos de experiência em Turismo.

**Gráfico 5 – Experiência Prévia x Experiência ao Graduar-se x Experiência Atual**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Excluindo atividades acadêmicas e voluntariado, ao término da graduação, 40% dos ex-alunos tinham adquirido entre 1 e 2 anos de experiência profissional em estágios e

trabalhos em Turismo. Outros 30% dos alunos tinham entre 2 e 5 anos de experiência profissional na área, bem como, 30% tinham até 1 ano de experiência profissional.

Atualmente, 59% dos ex-alunos têm até 3 anos de experiência profissional na área, 17% dos discentes têm entre 3 e 5 anos e 24% mais de 5 anos de experiência de trabalho (incluindo estágios) em Turismo.

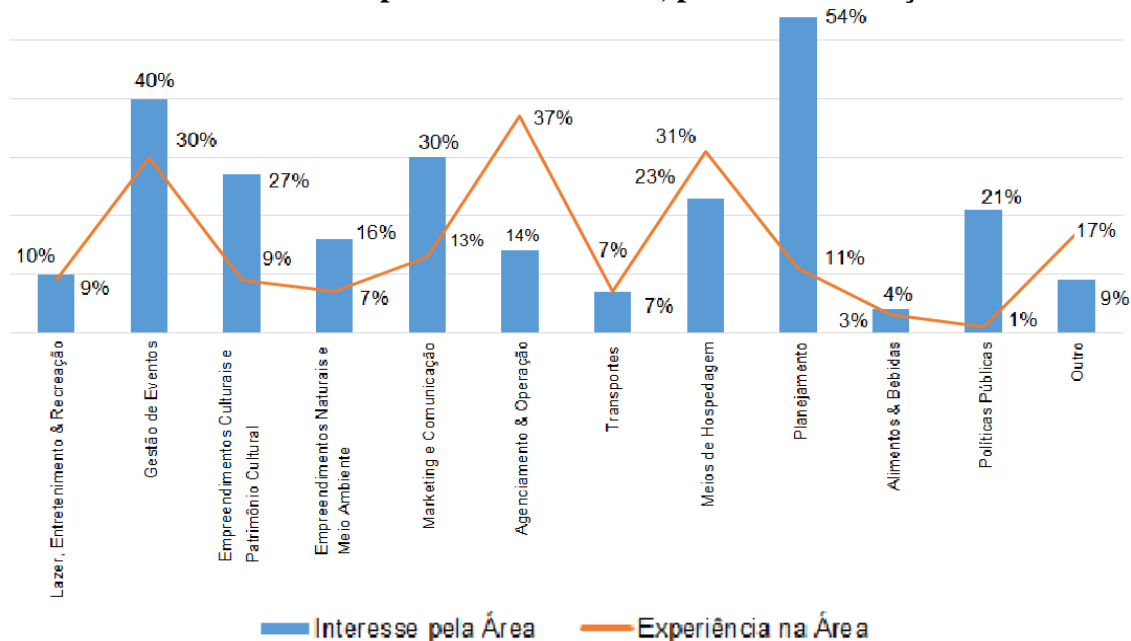
Ao término da graduação, apenas 7% dos ex-alunos não dominavam nenhum idioma estrangeiro em nível avançado ou fluente, enquanto 39% dominavam inglês, 3% espanhol, além de, 37% dominarem tanto o espanhol quanto o inglês. Foi obtido também que 10% dos ex-alunos são políglotas, dominando um terceiro idioma estrangeiro, além de inglês e espanhol.

Entre as áreas de maior interesse de atuação (opções múltiplas), destacam-se planejamento (54%), gestão de eventos (40%) e marketing e comunicação (30%). Já as opções de menor interesse foram transportes (7%) e alimentos e bebidas (4%).

Em relação as áreas de atuação profissional (opções múltiplas) que os respondentes mais tinham experiência, 37% eram em agenciamento e operação, bem como, 31% em meios de hospedagem e 30% em gestão de eventos. Políticas Públicas foi identificada como a área de menor experiência dos ex-alunos, seguidas, novamente, de alimentos e bebidas (3%) e transportes (7%), além de empreendimentos naturais e meio ambiente (7%).

O Gráfico 6 apresenta o distanciamento entre o interesse dos graduados em atuar em determinadas áreas e a experiência profissional nas áreas de interesse.

**Gráfico 6 – Experiência x Interesse, por área de atuação**



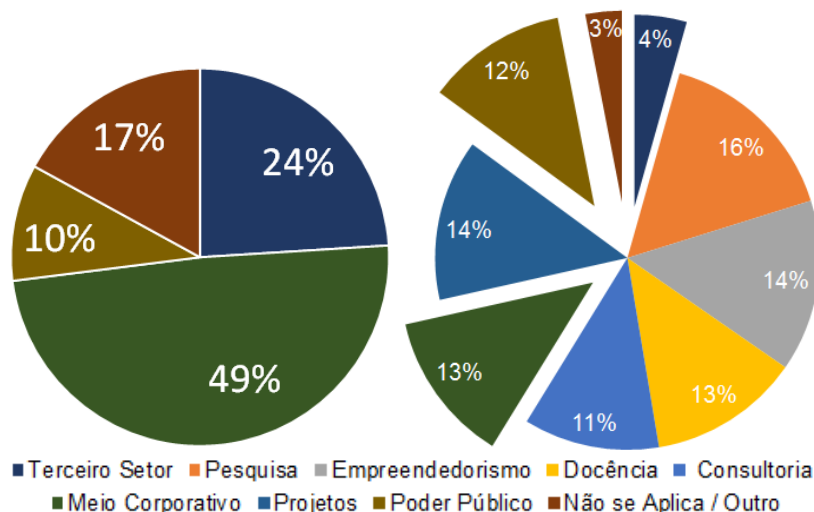
Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Ao questionar o âmbito de maior interesse de atuação em Turismo (novamente, opções múltiplas), 36% dos ex-alunos tinham interesse em pesquisa, 33% em empreendedorismo, 31% em projetos, 29% no meio corporativo, 29% em docência, 27% em carreira pública, 26% em consultoria e 10% no terceiro setor.

Ao ser solicitado que marcasse o âmbito organizacional em Turismo que mais tivesse experiência profissional, teve-se como resposta que: 49% tinham mais experiência

no meio corporativo, 24% no terceiro setor e 10% no setor público e os demais, outros (gráfico 7).

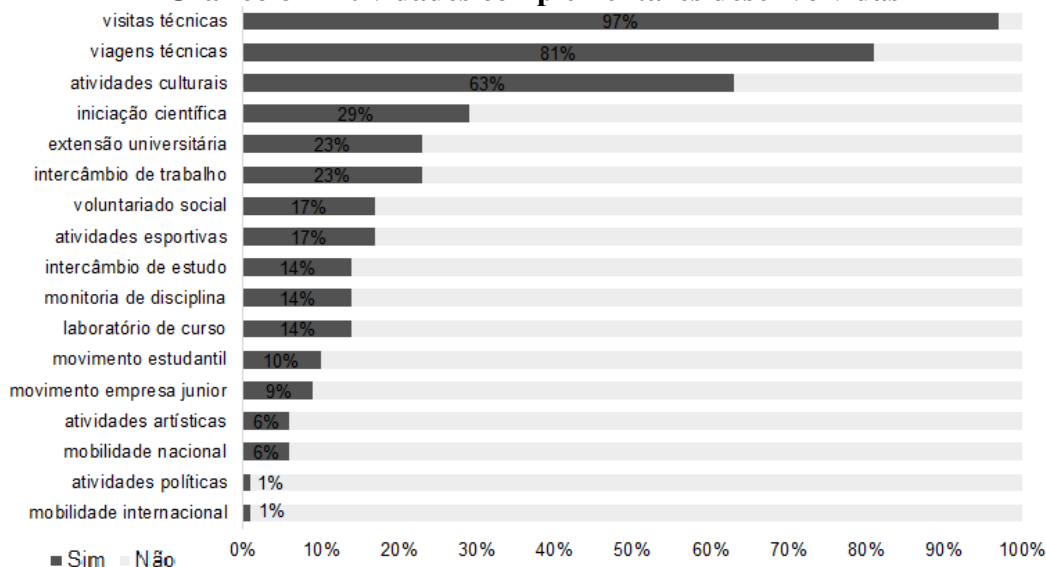
**Gráfico 7 – Experiência x Interesse, por âmbito organizacional**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Resumidamente, pôde-se identificar que a maioria tinha mais experiência na iniciativa privada, nas áreas de agenciamento e operação (23%), gestão de eventos (20%) e meios de hospedagem (16%). No terceiro setor, entre as áreas de maior experiência dos ex-alunos destacam-se meios de hospedagem (14%) e agenciamento e operação (11%). Por fim, no setor público, a área de gestão de eventos (4%) é tida como a de maior experiência.

**Gráfico 8 – Atividades complementares desenvolvidas**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

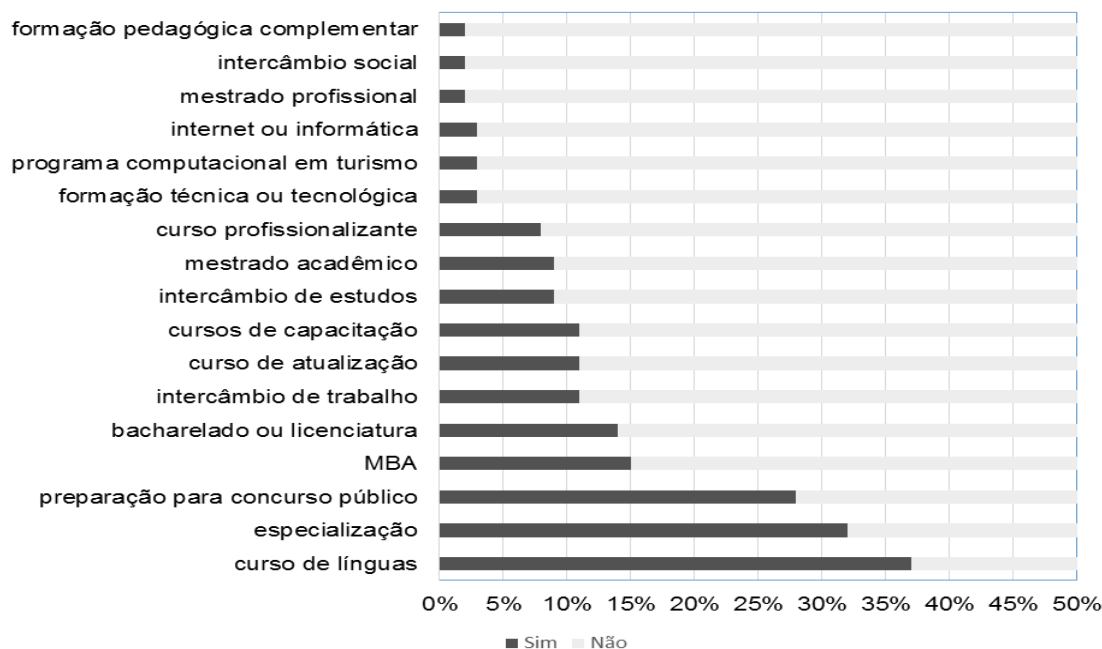
Foram elencadas as diversas atividades complementares, realizadas pelos egressos ao longo do curso (respostas múltiplas), conforme o Gráfico 9. Dos alunos respondentes, a grande maioria participou de visitas técnicas (97%), viagens técnicas (81%) e atividades

culturais (63%). Cabe destacar também que foi expressivo a participação de ex-alunos em projetos acadêmicos diversos – 29% em iniciação científica, 23% em extensão universitária, 14% em monitoria de disciplina e 14% em laboratório do curso, além de, 17% terem materiais publicados.

Além de um baixo número de alunos ter se envolvido com o movimento estudantil (10%) ou empresa júnior (9%), um número razoável de egressos pode contar com experiência no exterior: 23% em intercâmbio de trabalho, 14% em intercâmbios de estudo, 1% em mobilidade acadêmica internacional.

Ao questionar as formações que haviam participado após a conclusão do curso, foi identificado que 37% realizaram cursos de língua estrangeira, 47% em pós-graduação lato sensu (32%, especialização, 15%, MBAs), 28% preparação para concurso público e 17% em cursos regulares pós-médio (14%, graduação tradicional; 3%, formação técnica ou tecnológica) (Gráfico 9).

**Gráfico 9 – Formações realizadas após a conclusão da graduação**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Pode-se perceber que dentre os diversos papéis das IES, a formação superior obtida pelo(a) curso/instituição foi imprescindível no desenvolvimento científico, intelectual e filosófico dos egressos da graduação em Turismo da UFF, segundo eles próprios, obtendo-se 90% de concordância por parte dos ex-alunos (Quadro 1).

**Quadro 1 - Contribuição da Formação Superior**

“Concorda que sua formação superior foi imprescindível:”	Concorda	Discorda
... no seu desenvolvimento científico, intelectual, filosófico?”	90%	10%
... no seu desenvolvimento cidadão e responsável?”	81%	19%
... no seu preparo técnico-profissional em turismo?”	77%	23%
... no seu preparo para atuar em outra(o)s áreas e campos?”	61%	39%
... na sua colocação em estágios/trabalhos/empregos?”	61%	39%
... no seu desenvolvimento artístico-cultural e esportivo?”	46%	54%



... na sua preparação para atuar na esfera política?"	30%	70%
---	-----	-----

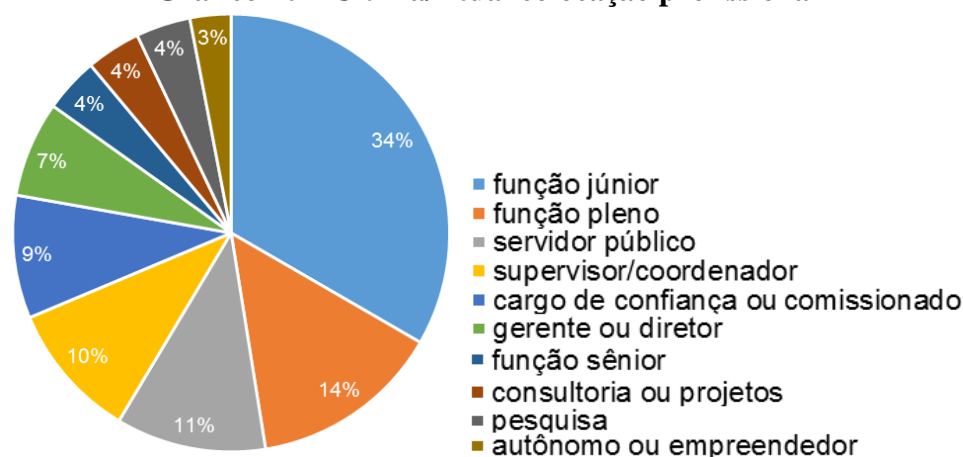
Fonte: Elaboração Própria, 2022.

O desenvolvimento cidadão e responsável (81%) e o preparo técnico-profissional na área de estudo (77%) foram, respectivamente, a segunda e terceira afirmativas de maior grau de concordância. Todavia, a preparação para atuar na esfera política posicionou-se na última colocação, com 30% de concordância, além de somente 46% concordarem que tenham tido um desenvolvimento artístico-cultural e esportivo por conta da sua formação superior.

De igual grau de concordância, 61% dos egressos concordaram que a formação adquirida tenha sido imprescindível na sua colocação em estágios/trabalhos/empregos ou no seu preparo para atuar em outros campos e áreas profissionais.

Ao solicitar que fosse selecionado o estágio profissional mais próximo do atual ou último trabalho, foi obtido que: 33% dos respondentes atuam ou atuavam em uma função júnior, 14% em função pleno, 11% como servidor público e 10% como supervisor/coordenador. Outros 9% egressos do curso atuam ou atuavam em cargo de confiança ou comissionado, 7% como gerente ou diretor; além de, 4% em uma função sênior, 4% com consultoria ou projetos, 4% com pesquisa e 3% como autônomo ou empreendedor (Gráfico 10).

**Gráfico 10 – Última/Atual colocação profissional**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Tratando-se da forma como foi obtida o atual ou último trabalho, levantou-se que 33% dos ex-alunos conseguiram sua colocação profissional via processo seletivo tradicional, 14% por concurso público e 11% por iniciativa própria e 9% por efetivação de estágio.

Um dos destaques é a obtenção de oportunidades através das redes de contato (ou também chamada de networking profissional), em que 32% dos respondentes sinalizam que conseguiram sua última ou atual colocação de trabalho por meio de indicação: 13%, de colegas de curso, 6%, de chefes e ex-chefes, 4%, de amigos ou familiares, 4%, de colegas e ex-colegas de trabalho, 4%, de professores e, 1%, de pessoas influentes.

Ao avaliar sua atual colocação profissional, 49% dos ex-alunos registraram que a formação exigida era inferior ao nível de graduação, enquanto 36% dos turismólogos formados pela instituição estão locados em funções compatíveis com o nível de graduação

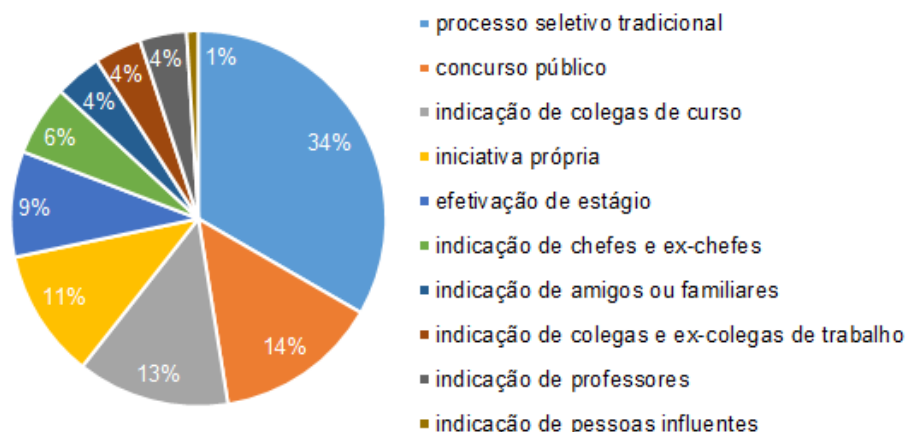
e apenas 16% dos respondentes estariam exercendo atividades que exigissem formação maior que a graduação.

Do total, 32% atuam ou atuavam em funções juniores com atribuições de complexidade menores que a formação de nível superior. Se levantados aqueles que exerciam funções operacionais (51%, incluindo as funções júnior, pleno ou sênior), novamente, apenas 32% exerciam/exerceram funções compatíveis com o nível de graduação.

Já em nível tático e estratégico (17%, incluindo os níveis de supervisão, coordenação, gerência ou direção), 33% atuam/atuavam em atribuições compatíveis com o nível de formação superior, enquanto 41% exerciam tarefas e responsabilidades que exigiam formação além da graduação.

Entre os servidores públicos, 62% atuam ou atuavam em atividades aquém da graduação, enquanto entre os que exerciam cargos de confiança ou comissionados, 67% deles tinham atribuições compatíveis com o nível superior (Gráfico 11).

**Gráfico 11 - Obtenção de trabalho**



Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Quanto ao nível de satisfação financeira na situação profissional atual, 49% dos ex-alunos apresentam baixa satisfação, além de outros 40% terem média satisfação e apenas 11% estarem altamente satisfeitos.

Entre os egressos da Unidade de Niterói, 32 responderam à pergunta opcional de preenchimento de dados como nome, local de trabalho e cargo/função. Assim, pode-se verificar que no quadro de ex-alunos, há Pesquisadores, Executivos de Vendas, Gerentes de Recepção, Assistentes Executivos, Bacharelados em Engenharia, Supervisores de Recepção, Diretores-Executivos, Coordenadores de Projetos, Sub-Gerentes-Gerais, Compradores de Eventos, Assistentes Administrativos, Analistas de Eventos, Técnicos de Defesa Civil, Supervisores de Logística de Pessoal, Coordenadores Socioambientais, Coordenadores de Produtos, Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, Assistentes de Turismo, Analistas de Incentivos, Proprietários e Agentes de Viagens.

Finalmente em relação às organizações de trabalho, há egressos que atuam na Fundação Getúlio Vargas, na Secretaria Estadual de Educação, no Ministério Público da União, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Secretaria Especial de Turismo do Município do Rio de Janeiro, no Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016, na Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, nas Centrais Elétricas Brasileiras, no Instituto Estadual do Meio Ambiente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Serviço

Social do Comércio, na IBM, no Rio Design Hotel, no Empreendimento Nobile Lakeside, no Sheraton Rio, na Anhanguera Educacional, no Hotel Ibis Botafogo, na MATCH Services e no Hotel Urbano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preparo adequado de profissionais para atuação em áreas específicas é esperado tanto pela sociedade, quanto pela própria comunidade acadêmica e, principalmente, pelos empregadores.

Foi percebido na pesquisa de campo que o conhecimento específico dos turismólogos, segundo eles, tem sido bem desenvolvido na formação superior em Turismo da faculdade estudada. O desenvolvimento científico, intelectual e filosófico foi destacado como a maior contribuição da formação obtida, seguido do desenvolvimento cidadão e responsável, enquanto a formação generalista e a obtenção de oportunidades profissionais foram avaliadas apenas como satisfatórias. Já as artes, a cultura e o esporte, relacionados também diretamente com a formação humana, além do preparo político, registraram baixo desenvolvimento.

Assim, demonstrou-se que há um enfoque profissional, crítico e cidadão maior no curso de Turismo da FTH-UFF, em detrimento de uma formação mais ampla – contrariando o equilíbrio entre a tarefa de formar pessoas generalistas e especialistas, com forte bagagem humanista.

Além do papel do Estado, deve haver realmente uma responsabilidade partilhada entre os interessados na formação de pessoal qualificado, porém, cabe às IES um papel central, ponderando ainda a responsabilidade por parte dos indivíduos no seu autodesenvolvimento, tendo em vista que são as qualidades individuais que garantem a empregabilidade.

Concorda-se que não são as instalações físicas ou o corpo docente que garantem a qualidade das universidades, mas a qualidade dos egressos, sim. Entre as dimensões verificadas pelo Ministério da Educação está o acompanhamento profissional de graduandos, feito através do Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (Enade), que levanta dados relativos aos estudantes com o intuito de verificar a qualidade acadêmica dos mesmos.

Já em relação aos ex-alunos, o Ministério da Educação sugere a formulação de uma política institucional em cada IES, apesar da difícil aplicabilidade por conta da impossibilidade de ingerência do Ministério nas universidades, faculdades e nos centros universitários não-federais. Portanto, reitera-se a importância desse trabalho, em concordância com instruções ministeriais de acompanhamento de egressos.

Retomando aos resultados do questionário aplicado, por parte dos ex-alunos houve um alto aproveitamento acadêmico, tendo como referência o CRA (Coeficiente de Rendimento Acadêmico). Em relação as competências linguísticas, a grande maioria dos respondentes sinalizou domínio do Inglês e/ou Espanhol, além de 10% serem políglotas. Considerando-se que são ministradas no curso apenas classes de línguas estrangeiras instrumentais, demonstra-se que há um investimento à parte da formação superior (em intercâmbios de estudo e trabalho, por exemplo) no desenvolvimento profissional, educacional e linguístico dos mesmos.

Também foi verificado que, apesar de não acreditar no seu forte autodesenvolvimento em termos culturais, uma maioria dos egressos esteve envolvido em atividades culturais ao longo do curso. Todavia, poucos foram os que pontuaram a participação em atividades artísticas ou políticas.

Já em relação a experiência profissional, a grande massa de egressos não tinha experiência em Turismo ao iniciar o curso. Porém, ao concluí-lo, 40% tinham adquirido entre 1 e 2 anos de experiência e outros 30%, entre 2 e 5 anos, representando que os egressos têm garantido equilíbrio entre a esfera educacional e de trabalho. Atualmente, cerca de 1/3 tem entre 2 e 5 anos de experiência profissional, enquanto 25% têm mais de 5 anos de experiência na área.

De tal modo, percebe-se que tanto o papel da IES e dos discentes têm sido cumpridos de forma satisfatória, com potenciais de melhoria em algumas frentes. Assim, é importante ser retomada a ideia de uma cultura de reinserção dos egressos ao cotidiano universitário.

No caso do curso analisado, sugere-se a manutenção do relacionamento com tais ex-alunos, visando não só a absorção de informação e a troca de conhecimento, mas também oferecer reciclagens por meio da proposta permanente de educação continuada, aproximando-os dessa maneira dos dirigentes universitários (Coordenação de Curso, Departamento de Turismo e FTH-UFF) e dos demais membros da comunidade acadêmica (Associação Atlética de Turismo e DATUR), em particular, os graduandos.

Outra questão relevante é a empregabilidade dos futuros egressos. Segundo os alunos já formados, 1/3 deles conseguiu sua última ou atual colocação profissional por meio de processos seletivos tradicionais, enquanto outro 1/3 alcançou uma vaga por meio de indicações, ou seja, por conta da sua rede de contatos. A partir de tal perspectiva, o fomento de encontros seja com fins científicos, culturais ou educacionais deve passar a ter um forte caráter profissional.

Considerando também que aproximadamente 50% dos egressos desenvolvem atividades profissionais aquém a formação de nível superior, a reciclagem e elevação de conhecimentos pode inverter tal cenário, uma vez que não há na região metropolitana fluminense variada oferta de formações de atualização, extensão ou certificação em Turismo.

Uma gestão de dados dos egressos tende só a contribuir para melhorias e adequações da graduação, como também fortalecer a promoção das atividades desenvolvidas (eventos, cursos, parcerias). Pode-se ainda contribuir incisivamente no planejamento do programa de graduação, quanto as disciplinas oferecidas, os moldes dos núcleos estruturantes e as competências almejadas pela sociedade, pelos potenciais empregadores e pela comunidade acadêmica.

Na pesquisa realizada, constatou-se que o maior interesse dos egressos foi a atuação docente, seguida do desenvolvimento de projetos ou consultorias. Ou seja, a proposta de criação do Mestrado Acadêmico em Turismo pela FTH-UFF veio a abrir portas para egressos interessados na teorização, na docência e na pesquisa em Turismo.

Outros dados interessantes foram que mais da metade dos respondentes atua ou atuava em funções na qualidade de liderados (reunidas as funções júnior, pleno e sênior), além de um expressivo número de egressos acreditar ter escolhido certo a área de Turismo, apesar de apenas a metade dos ex-alunos atuarem na área.

Isso pode ser justificado, entre outros aspectos, pelo gap (lacuna) entre o interesse por determinadas áreas de atuação e a experiência nessas áreas. Ao serem cruzadas as áreas de interesse e experiência, averiguou-se que embora não sendo apontadas como carreiras de maior interesse, Meios de Hospedagem e Agenciamento & Operação foram os segmentos de maior atuação dos egressos respondentes.

Já Planejamento, Gestão de Eventos e Comunicação & Marketing foram apontadas como as de maior interesse. Todavia, apenas Gestão de Eventos esteve entre as três áreas de maior experiência entre os egressos. Justamente a área de Planejamento, após

Políticas Públicas e seguido de Equipamentos Culturais e Patrimônio Cultural, que apresenta o maior gap entre o interesse pela área e a experiência de trabalho efetiva. Desse modo, é mantida a estagnação na carência de pessoal qualificado e capacitado plenamente para a gestão pública, o planejamento turístico e a preservação do patrimônio cultural, conseqüentemente, a evolução científica dessas áreas.

Esses gaps poderiam ser reduzidos com a proposta de aproximação da esfera do Departamento/Faculdade junto ao meio externo. Entendendo que o Mercado, o Estado e a própria Comunidade Acadêmica são as três grandes forças de pressão que as IES enfrentam, percebe-se a exigência de formações universitárias balizadas no desenvolvimento de competências. E é a definição de quais competências são relevantes para cada área de atuação ou âmbito que devem ser levantadas em discussão entre essas três partes interessadas.

O Observatório de Turismo do Estado do Rio de Janeiro tem um papel decisivo na aproximação com o meio externo, tanto com a iniciativa privada quanto com a esfera pública e o terceiro setor. Ainda assim, reitera-se a necessidade de um trabalho coletivo por parte da Direção, da Chefia e da Coordenação de Turismo, bem como, dos chamados Núcleos Setoriais vinculados ao Departamento de Turismo da FTH-UFF, para a concretização de novos convênios, projetos e parcerias com organizações externas. Em particular, os Núcleos de Estágio e Projetos Especiais & Relações com o Mercado e, indiretamente, Internacionalização e Extensão, poderiam contribuir com tal empreitada.

Porém, algumas decisões estratégicas devem ser em primeiro lugar revistas, pois, contrariando as estatísticas quanto a educação superior no Brasil, a Graduação em Turismo da UFF é ofertada no turno diurno (integral, nos primeiros quatro semestres e pela manhã nos quatro últimos semestres), na modalidade tradicional e presencial.

Quanto ao turno dos cursos, esse limita parcialmente a obtenção de oportunidade profissionais ao longo do curso, não apenas pela distância geográfica entre o município de Niterói e a cidade do Rio de Janeiro – maior empregadora da região metropolitana, mas sim, pela falta de disponibilidade de horários por conta da extensa carga horária diária de aulas. Além disso, a revisão do próprio turno das aulas poderia atender melhor a necessidade da grande massa de alunos (futuros egressos), bem como, enfrentar a competitiva disputa no cenário da educação superior em Turismo na microrregião metropolitana do Rio de Janeiro.

Conforme tratado anteriormente, o Sistema Federal de Educação teve uma grande expansão na oferta de novas vagas de graduação em turismo em todo Brasil, majoritariamente com enfoque acadêmico, crítico e científico, aos moldes do primeiro curso superior de Turismo em IES Pública (USP). No Estado do Rio de Janeiro não foi diferente. Tais cursos, incluindo aqui o ministrado pela FTH-UFF, tem uma forte influência das ciências humanas e sociais aplicadas, destacando-se da grande maioria dos cursos oferecido em IES Privadas. Atualmente, há uma alta oferta de vagas (em instituições públicas e privadas) e uma baixa demanda pelo curso de Turismo, em termos gerais, além de ser frequente uma expressiva evasão discente ao longo da graduação.

É essa a realidade atual da educação superior em Turismo no Estado do Rio de Janeiro. Enquanto são criadas habilitações em licenciatura e cursos tecnológicos a distância e noturnos, há ainda uma pouca oferta de formação de pós-graduação.

Portanto, acompanhando a evolução do setor e aproveitando-se dos recursos humanos já existentes (o número elevado de professores vinculados ao Departamento de Turismo da FTH-UFF, ao todo em torno de 30, e sua alta qualificação) e a autonomia da nova Faculdade de Turismo e Hotelaria, pode-se pensar na flexibilização do curso. Todavia, a criação paralela de um possível curso tecnológico de Turismo, não teria uma



forte aceitação pelos egressos caso esses tivessem a possibilidade de escolher novamente pela área de Turismo, de acordo com a pesquisa de campo. Desse modo, uma nova revisão curricular também poderia ser pensada com o objetivo de enxugar conteúdos tratados em mais de uma disciplina, além de propor atividades de ensino com base tecnológica e desenvolver competências comportamentais.

Com disciplinas livres, semipresenciais ou totalmente a distância, atividades desenvolvidas à noite (cursos, eventos e projetos) e um maior foco nas tecnologias de gestão de Turismo, seria possível a atração dos egressos à rotina acadêmica. E apesar da forte representação de egressos dos três últimos anos na pesquisa aplicada, a maioria dos respondentes ainda tem breve experiência profissional em turismo. Muitos concluíram o curso com experiência profissional de 1 a 3 anos e, atualmente, cerca de 1/3 deles contam com experiência de 2 a 5 anos e outros 25% com mais de cinco anos no mercado.

Assim, identifica-se uma oportunidade de (re)qualificação dos quadros de egressos em oficinas, workshops e programas de treinamento, apesar da positiva avaliação quanto ao desenvolvimento de competências profissionais ao longo do curso por parte dos ex-alunos. E através das iniciativas de extensão (prestação de consultorias, conferências e seminários e eventos artísticos e culturais) que podem ser fomentadas a aproximação entre ex-alunos e alunos.

Associadas à qualidade da instituição e do curso, além da gratuidade, principais aspectos relevados pelos egressos, poderiam ser oferecidas formações avançadas em conjunto com organizações parceiras, integrando alunos ao final da graduação e os egressos. Outro ponto em questão é a alta continuidade dos estudos por parte dos egressos, já inseridos na sociedade/economia do conhecimento. Parte considerável dos ex-alunos seguem em cursos dos mais diferentes tipos, mas em particular, em cursos de especialização e MBAs, além de idiomas. Ou seja, existe um real interesse por qualificação/capacitação continuada.

Portanto, propõe-se a construção de um calendário de atividades a ser desenvolvida pelo corpo dirigente da Coordenação de Curso, do Departamento de Turismo e da FTH-UFF com o objetivo de recuperar o relacionamento atualmente distante com seus egressos. O próprio corpo discente, através do movimento estudantil organizado e da Associação Atlética de Turismo, além do Laboratório de Eventos, pode e deve contribuir para esse estreitamento proposto. Ou mesmo, a criação de uma Associação de Ex-Alunos ou Egressos, autogerida por egressos do curso e suportada pela esfera institucional.

Quanto a aproximação com o trade, com a esfera pública e com o terceiro setor, há um esforço a fazer. A presença em atividades políticas deve passar a ser um cotidiano na rotina da esfera diretiva da FTH-UFF para que se galgue novas oportunidades. Por conta do enfoque em atividades acadêmicas, acaba-se perdendo a chance de novos relacionamentos com organizações ou pessoas físicas de forte atuação na área de Turismo. É preciso levantar quem são os maiores empregadores em Turismo na região de abrangência do curso, quais nichos de maior interesse dos alunos, dos egressos e, principalmente da IES, além de, que tendências são esperadas no médio prazo?

Tais informações talvez já até estejam no seio departamental, visto que ao longo do curso é necessário que os alunos cumpram horas em estágio supervisionado. Esses estágios são intermediados pela própria faculdade, mediante documentação obrigatória a ser apresentada pelos alunos. Desse modo, pode-se tomar como ponto de partida o resgate dessa documentação com o objetivo de verificar que organizações tem o perfil almejado para atuação dos egressos.

É importante destacar ainda dois outros pontos: 1) apesar do esforço proposto nesse trabalho para aproximar egressos da comunidade acadêmica, é natural o afastamento dos ex-alunos da rotina acadêmica por conta de diversos motivos, porém, o maior deles, talvez seja, realmente compromissos profissionais; 2) já há iniciativas, antes pulverizadas, de veiculação das atividades desenvolvidas pelo curso, bem como, trabalhos desenvolvidos pelo Departamento de Turismo da FTH-UFF no sentido de acompanhar a trajetória profissional dos ex-alunos.

Quanto a esse último tópico, apesar da página virtual da Coordenação de Turismo não ser frequentemente atualizada, conseqüentemente, não sendo um canal efetivo de comunicação direta com a comunidade acadêmica, há outras ferramentas virtuais disponíveis. As próprias redes e mídias sociais já são um canal efetivo de interação entre docentes e discentes. Cabe ser mantido a comunicação com ex-alunos, com conteúdo relevante e interativo.

Uma outra página virtual criada com a celebração dos 10 anos da criação do curso foi o Portal do Turismo, projeto desenvolvido pelo Departamento de Turismo da FTH-UFF, e que contou com atualizações regulares. Portanto, tem havido um esforço expressivo de melhoria do antigo quadro de comunicação insuficiente quanto as ações desenvolvidas no interior da esfera departamental.

Já em relação aos trabalhos desenvolvidos na FTH-UFF, há um projeto de extensão universitária que busca analisar a motivação e a expectativa a respeito dos cursos de Turismo e Hotelaria. Também já houve um projeto final defendido tendo a visão dos egressos em relação a formação adquirida.

Concluindo, teve-se como principal motivação a elaboração de um trabalho de cunho propositivo, com o intuito de que tal obra venha contribuir para uma futura continuação do processo permanente de acompanhamento dos egressos da Graduação em Turismo da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF.

Buscando associar diversas áreas inquietantes, pensou-se uma proposta que relacionasse questões no campo da Educação, do Trabalho e do Turismo relativo à empregabilidade. Acredita-se que foram levantadas informações de fundamental relevância para a gestão de egressos do curso, proposta principal do trabalho.

Assim, foi percebido ainda nesse trabalho que os egressos, enquanto capital humano, têm sido valorizados na esfera departamental, apesar de ser necessário um fomento maior no estreitamento entre egressos e a FTH-UFF, por conta da timidez das iniciativas em andamento nesse sentido. Verificou-se que os egressos, importantes em diversos sentidos tratados nesse trabalho, devem ser vistos como centrais nas políticas institucionais, na revisão de programas, na criação de novas formações e na implementação de melhorias internas.

Apesar disso, constatou-se que a rede de contatos, apesar da sua relevância, não tem sido a principal forma de obtenção em oportunidades de gestão, planejamento, políticas públicas, projetos e consultoria, disputando espaço com diversos outros meios de contratação. Atestou-se também que metade dos egressos não atua na área de Turismo e segue majoritariamente estudos regulares, tais como, cursos profissionais ou técnicos, segunda graduação (bacharelado ou licenciatura) ou graduação tecnológica.

Portando, apesar de apenas parte dos ex-alunos atuarem em atividades de complexidade compatível com o grau de formação, nas devidas áreas descritas como sendo relevante um maior desenvolvimento profissional dos egressos, a lógica de retomar o relacionamento com os egressos mantém-se válida.

## REFERÊNCIAS

BENCKENDORFF, P.; ZEHRER, A. A network analysis of tourism research. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 121-149, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2013.04.005>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738313000662>. Acesso em: 13 maio 2021.

BETTENCOURT, R. **A Abordagem das Políticas Educativas para a Empregabilidade**. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica). Departamento de Educação e Ensino a Distância. Universidade Aberta, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2526>. Acesso em: 8 mar. 2022.

BRASIL, **Lei. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 2 fev. 2022.

BRITO, A. S.; SOUZA, C. L. Relações entre ensino-aprendizagem e os desafios do bacharel em turismo na docência universitária: o caso de uma instituição de ensino superior (IES). **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 74-99, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2436/20.8070.01.79>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/3667>. Acesso em: 18 abr. 2022.

BITTENCOURT, F. T. R.; CASTRO, C. L. de C. A geração Y e o mercado de trabalho: percepções dos alunos do Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 11, n. 2, p. 20-39, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17648/raoit.v11n2.4463>. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/4463>. Acesso em: 18 abr. 2022.

CSORDAS, M. **O Turismólogo como Agente Social: Limites e Possibilidades**. São Paulo: EDUC, 2009.

DEGRAZIA, C. F. **Cursos Superiores de Turismo na Economia do Conhecimento: Posicionamento Estratégico de um Curso de Turismo no Rio Grande do Sul**. 140 p. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/167>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DINIZ, R. V.; GOERGEN, P. L. Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 24, p. 573-593, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772019000300002>. Disponível em:

FERREIRA, P. F. **Uma Análise da Absorção de Egressos da Universidade Federal de Sergipe no Mercado de Trabalho Sergipano no Período de 2004-2009**. 152 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Regional e Gestão de Empreendimentos Locais) – Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Economia, Pró-

Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4539>. Acesso em: 11 jan. 2022.

FERREIRA, H. C. H.; FONSECA FILHO, A. da S. Dilemas, expectativas e perspectivas sobre o ensino superior de turismo e hospitalidade em tempos de Covid-19. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 14, n. 4, p. 29-49, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17648/raoit.v14n4.6658>. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/6658>. Acesso em: 18 abr. 2022.

FREITAS, A. B. Traços brasileiros para uma análise organizacional. In: MOTTA, F. P.; CALDAS, M. (Org.). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

HELAL, D. H.; NEVES, J.; FERNANDES, D. C. Empregabilidade Gerencial no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea: RAC Eletrônica**, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/periodicos/arq\\_pdf/a\\_632.pdf](http://www.anpad.org.br/periodicos/arq_pdf/a_632.pdf). Acesso em: 24 jan. 2022.

HELAL, D. H.; ROCHA, M. O Discurso da Empregabilidade: o que pensam a Academia e o Mundo Empresarial. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 1, p. 139-154, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/Pq7bdMdm78ZnJkG7PcJtdcd>. Acesso em: 11 jan. 2022.

INEP; MEC. Diretoria de Avaliação da Educação Superior. Estudos do 2º Ciclo Avaliativo do Sinaes. In: **Encontro Nacional do Censo da Educação Superior**, 2. Brasília: [s.n.], 2012. 38 slides: color.

LINKEDIN; WGSN. **Futuro do trabalho**. 2018. Disponível em: <https://www.futurodotrabalho.co/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LE BOTERF, G. **Repenser la compétence**. Paris: Editions Eyrolles, 2010.

LOUSADA, A. C. Z.; MARTINS, G. A. Egressos como Fonte de Informação à Gestão do Curso de Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade Financeira**, v. 16, n. 37, p. 73-84, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000100006>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34151>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MACHADO, L. R. de S. Educação básica, empregabilidade e competência. **Trabalho e Educação**, v. 3, n. 3, p. 15-31, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8681>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MARCOVICH, Jacques. **A universidade impossível**. São Paulo: Futura, 1998.

MATIAS, M. **Turismo, Formação e Profissionalização: 30 Anos de História**. Barueri: Manole, 2002.

MENEZES, P. D. L. de; TEIXEIRA, C. R. As representações sociais do bacharel em turismo: formação, conhecimento e identidade. **Turismo: Visão e Ação**, v. 22, n. 3, p. 533-551, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v22n3.p533-551>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tva/a/vYNSFmCCFByDmDRDTGtNytX>.

MICHELAN, L. S. et al. Gestão de Egressos em Instituições de Ensino Superior: Possibilidade e Potencialidades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9. **Anais [...]**, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/36720>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade**: o caminho das pedras. São Paulo: Gente, 1995.

NADER, F. M. J.; OLIVEIRA, L. B. Empregabilidade: Uma Análise Histórica e Crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - EnANPAD, 31, Rio de Janeiro, 2007. **Anais [...]**. ANPAD, 2007. 1 CD-ROM.

OIT. **Guia sobre os novos Indicadores de Emprego dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. Genebra, 2009. Disponível em: [https://www.ilo.org/employment/Whatwedo/Publications/WCMS\\_110515/lang-en/index.htm](https://www.ilo.org/employment/Whatwedo/Publications/WCMS_110515/lang-en/index.htm). Acesso em: 11 jan. 2022.

PAHLEVAN-SHARIF, S; MURA, P.; WIJESINGHE, S. N. R. A systematic review of systematic reviews in tourism. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 39, p. 158-165, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2019.04.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1447677018304169>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PENA, M. D. C. Acompanhamento de Egressos: Análise Conceitual e sua Aplicação no Âmbito Educacional Brasileiro. **Educação & Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 25-30, 2000. Disponível em: <https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/6>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PIMENTEL, H. O papel da gestão de pessoas no Turismo. **Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações**, [S.l.], v. 4, p. 81-111, nov., 2016. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/r-lego/article/view/5650>.

REJOWSKI, M. **Ensino em Turismo no Brasil**: Reflexões sobre a Realidade do Ensino de Graduação de 1970 a 2000. Caxias do Sul: Educus, 2001.

REJOWSKI, M. **Turismo e Pesquisa Científica**: Pensamento Internacional x Situação Brasileira. 5 ed. Campinas: Papirus, 2011.

SALGADO, M.; LEMOS, F.; COSTA, C. SILVA, J. Epistemologia e educação em Turismo: Ensino superior português. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 1853-1863, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v1i27/28.10299>. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/10299>. Acesso em: 18 abr. 2022.



SALGADO, M. A. B.; MARTINS, J. A. dos S.; GUERRA, R. J. da C. Ensino Superior em Hotelaria, Turismo e Lazer em Portugal. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 36, n. 2, p. 215-227, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v36i2.10683>. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/10683>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SEIXAS, E. P. de A.; ARAÚJO, M. V. P. de; BRITO, M. L. de A.; FONSECA, G. F. Dificuldades e desafios na aplicação de metodologias ativas no ensino de turismo: Um estudo em Instituição de Ensino Superior. **Revista Turismo - Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 566-588, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v19n3.p566-588>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056114008.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SILVA, L. A.; HOLANDA, L. A.; LEAL, S. R. Inserção dos Turismólogos Brasileiros no Mercado de Trabalho. **Revista Turismo em análise – RTA**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 506- 524, set./dez. 2018.

SILVA, D. L. B.; MONTEZANO, L.; ALMEIDA, I. C. Evasão de Estudantes dos cursos de Turismo e hotelaria de uma Universidade Federal Brasileira: Motivos e Consequências. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 177 –198, maio/ago. 2020.

SILVA, R. L. da. Mercado de trabalho e perfil docente de turismo no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira dos Observatórios de Turismo-ReBOT**, v. 1, n. 1, p. 126-151, 2022. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/ReBOT/article/view/3968>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; NAKATANI, M. S. M. O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012 - 2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, n. 2, p. 83-94, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v14i2.1779>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/jyLgCs43WdYMFQYzW8gXkfr>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOGAYAR, R. L.; REJOWSKI, M. Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 13, n. 3, p. 282-298, 2011. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v13n3.p282-298>. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/2501>. Acesso em: 20 nov. 2021.

TEIXEIRA, S. H. A. Cursos Superiores de Turismo: Uma Abordagem Histórica (1970/1979). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A Educação e seus Sujeitos na História, 4. **Anais [...]**, Goiânia: UCG, 2006.

TRIGO, L. G. G. Reflexões sobre a Regulamentação Profissional em Turismo. In: CARVALHO, C. L.; BARBOSA, L. G. M. (Org.). **Discussões e propostas para o Brasil: Observatório de Inovação do Turismo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006. p. 221-239.

ZOUAIN, D. M.; PEREIRA JÚNIOR, A. N.; SOUZA, L. A. V. de; DUARTE, A. L. F. Os (des)avanços nos níveis de indicadores de competitividade de destinos turísticos indutores brasileiros: o caso de São Raimundo Nonato. **Gestão & Regionalidade**, v. 35, n. 104, p. 124-143, 2019. DOI: <https://doi.org/10.13037/gr.vol35n104.4820>. Disponível em: [https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_gestao/article/view/4820](https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/4820). Acesso em: 18 abr. 2022.

ZULAUF, M. Ensino superior e desenvolvimento de habilidades para a empregabilidade: explorando a visão dos estudantes. **Sociologias**, n. 16, p. 126-155, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222006000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/69xbf95sQqQRZjT5syBgDBv>. Acesso em: 4 mar. 2021.

### ***Employability of tourism graduates from Universidade Federal Fluminense***

#### ***Abstract***

*This study aims to verify the professional trajectory of the Alumni of the Undergraduate Tourism Program at a Public Higher Education Institute, the Fluminense Federal University. First, a exploratory research was conducted to elaborate the state of the art of the work. Then, it was performed field research with a quantitative approach, through online questionnaires using the Qualtrics, a virtual platform. This step has the goal to check which career paths have followed the professional graduates in Tourism formed by the analyzed college. A total of 248 students had graduated effectively. Therefore, it was obtained a relevant information from a sample of 28% of tourism professionals graduated. It was found that half of respondents did not work on the Tourism industry and that one third got the last job placement through networking. The area of greatest interest is the Planning, although Lodging Facilities and Tour Operators and Travel Agencies have been the areas of greatest experience of graduates. Finally, most of them after the graduation studies has been following open courses, graduate programs, executive masters (MBAs) or languages studies. It is suggested that such a survey be done regularly in order to tailor the course to local conditions, to be offered a schedule of activities to reintegrate the graduates to the academic community and stimulate the building of new continuing courses aiming to recycle their knowledge and especially opening up new professional opportunities for future graduates.*

***Keywords:*** High Education. Labor Market. Employability. Career Professional. Tourism.

Artigo submetido em 15/11/2021. Aceito para publicação em 14/04/2022.